

SOBRE DIALÉTICA E O CONCEITO DE HISTÓRIA EM “DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO”: UM PARALELO ENTRE BENJAMIN E FREUD

ABOUT DIALECTIC AND THE CONCEPT OF HISTORY IN "DIALECTIC OF ENLIGHTENMENT": A PARALLEL BETWEEN BENJAMIN AND FREUD

Virginia Helena Ferreira da Costa¹

Resumo: Este artigo pretende debater alguns aspectos em torno da dialética presente no livro “Dialética do Esclarecimento” de Adorno e Horkheimer. Nossa abordagem trata de dois pontos envolvidos nessa temática: a defesa de que a dialética exposta na obra se dá entre uma antropologia de base teórica freudiana e uma sociologia que encontra no pensador marxista Sohn-Rethel o principal autor que teria influenciado os escritores de Frankfurt. Diante de uma dialética que se exhibe em uma noção de sujeito e em sua relação ao meio social, tentamos mostrar como a noção que fundamenta tais interações se baseia em uma preocupação teórica com o problema da historicidade. Com isso, passamos a tratar de nosso segundo ponto, a saber, da apresentação das “Teses sobre o conceito de história” de Walter Benjamin, relacionando-a a uma temporalidade inconsciente presente na teoria de Freud.

Palavras-chave: Dialética. Antropologia. Sociologia. História. Inconsciente.

Abstract: This article intends to discuss some aspects around the dialectic in the book "Dialectic of Enlightenment" of Adorno and Horkheimer. Our approach addresses two issues involved in this theme: the idea that the dialectic presented in this work occurs between a Freudian theoretical anthropology and a sociology that finds on the Marxist thinker Sohn-Rethel the lead author that would have influenced the writers of Frankfurt. Front of a dialectic that shows itself in a notion of the subject and its relationship to the social environment, we try to show how the notion underlying such interactions is based on a theoretical concern with the problem of historicity. Thus, we are dealing with our second point, namely the presentation of the "Theses on the Concept of History" by Walter Benjamin, relating it to an unconscious temporality presented in Freud's theory.

Keywords: Dialectics. Anthropology. Sociology. History. Unconscious.

1. Introdução

Ao ler sobre os diversos temas organizados como fragmentos na indispensável obra de Horkheimer e Adorno intitulada “Dialética do Esclarecimento” (*Dialektik der Aufklärung* ou DdA daqui em diante), talvez algumas das coisas mais difíceis de serem compreendidas seriam não só a relação dialética envolvida no livro, mas também a noção de história presente na análise crítica dos autores – que passa da Grécia antiga ao Terceiro Reich alemão.

¹ Doutoranda em Filosofia pela Universidade de São Paulo - USP. Bolsista CNPq. E-mail virginiahelena.costa@gmail.com

Tentando acrescentar elementos que nos permitiriam pensar sobre tal concepção histórica, o recorte principal que guiou a produção de nosso texto trata, então, da problematização do enquadramento temporal de DdA, questão que se encontra na relação dialética entre uma antropologia eminentemente freudiana e uma sociologia ligada a uma leitura de Marx feita por Sohn-Rethel. Contudo, dizer que tal dialética se dá entre antropologia e sociologia não é o suficiente: para nós, a interação entre o sujeito e a sociedade se dá conforme uma crítica do pensamento linear e progressista própria do eu esclarecido e burguês, o que revela a influência de Walter Benjamin na construção de DdA. Por fim, comparamos a noção de história benjaminiana com a teoria da temporalidade inconsciente de Freud. Assim, as noções da temporalidade do eu *versus* a constituição temporal do isso, além da presença da rememoração como a realização de uma regressão para um rompimento da situação presente são teorias encontradas tanto na teoria freudiana quanto na exposição benjaminiana das “Teses sobre o conceito de história”.

2. Da antropologia freudiana à teoria social em DdA

Dentre os assuntos que encontramos em DdA, podemos dizer que Horkheimer e Adorno fazem uma crítica à racionalidade instrumental vinculada ao sujeito moderno que reduz a compreensão do mundo a objetos manipuláveis segundo um posicionamento determinado pelo que denominamos antropologia freudiana. Por antropologia freudiana entendemos que os autores de Frankfurt tomaram a explicação metapsicológica do funcionamento psíquico baseada na movimentação de pulsões orientadas para a autoconservação e transformaram-na em uma característica própria da natureza humana. Nesse âmbito, seria precisamente para fugir de uma condição inescapável de desamparo - explicação que encontra o seu pilar em uma constelação conceitual centrada no tema da defesa contra o sofrimento, qual seja, *Furcht* (medo), *Schreck* (terror), *Angst* (angústia), *Grauen* (horror), *Gefahr* (perigo), procura por *Sicherheit* (segurança), dominação do *Unbekanntes* (desconhecido), entre outros - que a reação psicológica do ser humano levaria a uma relação intrínseca entre racionalidade e dominação, vinculando conhecimento e interesse na realização da satisfação pulsional.

A necessária submissão, para a própria sobrevivência humana, das pulsões (comparadas, em DdA, à natureza interna a ser dominada) teria levado o sujeito moderno a dominar também a natureza externa por uma identificação ao eu realizada

por projeção e destruição. A nosso ver, é justamente a gênese da racionalidade do eu vinculada às pulsões provida pela teoria de Freud que forneceria a unidade crítica que permite relacionar os tão diferentes temas que compõem DdA:

[...] seja como for, a ideia defendida aqui é a de que são teses antropológicas derivadas de Freud que permitem vislumbrar a real identidade argumentativa e crítica do livro e de que essa apropriação de Freud por Horkheimer e Adorno se dá como incorporação da arquitetônica pulsional em novos termos. Nesse caso, a própria constelação de elementos fundamentais que compõem essa apropriação é igualmente freudiana. (NOBRE; MARIN, 2012, p. 110)

Nesse contexto em que o eu, ao dominar a natureza mediante uma projeção narcísica de si, encontra si mesmo em toda parte, constrói-se a tese dos autores segundo a qual o esclarecimento se reverteu em mito, pois, impossibilitado de refletir o objeto no processo de conhecimento, a racionalidade do eu se tornou rígida, intolerante, mimese do petrificado ou da morte.

Por consequência, considerando que as histórias individual e coletiva são influenciadas pelas repetições geradas por bloqueios de realizações pulsionais, questiona-se se, em DdA, a influência freudiana sobre a antropologia fez com que o ser humano fosse reduzido à biologia, isto é, a uma resposta fisiológica já determinada pela natureza humana e, portanto, inescapável. Afinal, é possível uma interpretação segundo a qual os conceitos não somente de natureza humana, mas ainda o de natureza em geral (como realidade desconhecida, perigosa, resultante de dominações e projeções para a sobrevivência) são utilizados em DdA segundo um sentido freudiano. Portanto, “implícita nessa questão final há outra: poderia ter sido diferente? A resposta de Freud é não: uma vez que temos um ser que é humano, o esquema da dinâmica conflitual de desenvolvimento é inevitável. De fato, para Freud isso é o que significa ser humano” (PARISI, 1999, p. 54, tradução nossa).

Pretendemos, com nossa exposição, negar tal hipótese de uma antropologia meramente biologizante em DdA, uma vez que, dentre as aproximações e críticas a Freud, Horkheimer e Adorno teriam transferido a dialética para o interior do sujeito, mais precisamente para o eu. Encontrando a sua origem na inconsciência do isso, mas servindo como mediador desse em relação à realidade, o eu representa por si só o conflito da própria civilização entre a pulsão e a interdição, o que leva a psicopatologias. Por isso, a psicanálise seria considerada pelos autores de Frankfurt

como o testemunho dos danos que um determinado momento histórico infligiu no sujeito ou como um relato de uma forma de vida danificada. Para tanto, uma abordagem na qual ocorreria uma “sociologização” de tal antropologia freudiana é necessária para o prosseguimento de nossas ideias. Como diria Adorno em uma de suas obras dedicadas à sociologia:

[...] o que se pretende é algo assim como a sociologização da psicanálise. Reclama-se de Freud que ele tenha considerado estruturas sociais e econômicas como simples efeito de impulsos psicológicos, que surgiriam eles mesmos de uma constituição pulsional do ser humano mais ou menos ahistórica. (ADORNO, 2004, p. 19, tradução nossa)

Assim, a antropologia freudiana aparece atrelada a condições históricas específicas, sendo fruto de uma gênese não só empírica, mas também social. Para evitarmos “psicologizar” a teoria social, ou ainda, submeter as relações sociais, cognitivas e econômicas à análise exclusiva da metapsicologia psicanalítica, remetemo-nos ao entrelaçamento de Marx e Freud no intuito de mostrar como a sociedade determina a constituição do sujeito. Nessa tentativa de “*historicizar* a psicanálise” (WHITEBOOK, 2004, p. 85, tradução nossa), tentaremos seguir a tese segundo a qual

[...] o aparelho psíquico estrutura-se a partir do material que a cultura coloca à disposição do sujeito, de tal modo que o inconscientizado singular não se articula fora do social. Considerando que a metapsicologia freudiana trata dos limites extremos da alma, esses podem ser localizados nos pontos de impasses sociais que recobrem os impasses subjetivos. Esses emergem tanto do lado do sujeito, denunciando-se através da dor psíquica, quanto do lado do objeto de interesse, na forma de sua construção e utilização. (FLEIG, 1999, p. 2)

Essencialmente, a nossa abordagem sobre a sociologia envolvida em DdA não se dá de forma direta dos textos de Marx, mas se concentra principalmente na hipótese de um comentador marxista amigo de Adorno, a saber, Sohn-Rethel. Para ele, “não existe somente analogia, mas existe uma verdadeira identidade entre os elementos formais da síntese social e os constituintes formais da cognição” (SOHN-RETHEL, 1978, p. 7, tradução nossa), de modo que o que permite a síntese cognitiva do diverso e, com isso, o conhecimento, é uma referência social. Isso implica em dizer que a possibilidade de abstração não se daria exclusivamente pelo pensamento, mas viria, anteriormente, de uma ação histórica e de uma significação real. A expressão desse materialismo mostra

como o aparato psíquico tem a sua origem em um tipo de *a priori* social, especificamente na análise da mercadoria. Assim, segundo sua teoria, seria a equivalência do trabalho humano abstrato na troca de mercadorias que levaria à abstração do pensamento (e não o inverso), de forma que o sujeito de conhecimento passa a encarar todos os objetos como igualmente ameaçadores.

Por isso, dizemos que é a interseção entre a antropologia freudiana e a situação histórico-social que seria a produção mais importante de DdA, pois, se não houvesse tal relação, a antropologia aqui descrita seria considerada uma simples teoria puramente abstrata e sem realização histórica e, tal como um ser fixado, encontrar-se-ia pré-determinada e impossível de ser modificada. Nesse sentido, a economia política ganha proeminência ao entender como a troca de mercadorias fomenta a síntese social e, com isso, a irracionalidade em torno da equivalência de objetos e pessoas. O que vemos, portanto, é uma redução das questões relativas à subjetividade a uma relação da cognição e conhecimento promovidos pela identificação de diferentes.

Isso mostra como aqui a sociedade e a psique são vistas em conjunto e em constante relação. A antropologia seria, então, um sinal ou tipo de diagnóstico individual que serviria para detectar o modo de funcionamento do social, uma vez que as transformações antropológicas acompanhariam, mesmo que de forma inconsciente, as modificações históricas, como diria uma produção assinada pelos autores Instituto em conjunto: “As transformações antropológicas às quais se adequam as ideologias totalitárias seguem transformações da sociedade” (INSTITUT FÜR SOZIALFORSCHUNG, 1956, p. 169, tradução nossa). Contudo, tal relação entre indivíduo e sociedade não é de mera concordância e identificação, pois o sujeito se ajusta de forma mais ou menos próxima ao contexto que o cerca. Afinal, ao se tornar completamente identificado ao social, não só o sujeito passa por um processo de coisificação, mas o social torna-se naturalizado. Por isso, é justamente quando ocorrem discordâncias na relação entre indivíduo e sociedade que o sujeito, com sua plástica pulsional e possibilidade de razão reflexiva, modifica a sociedade.

Mesmo que tal relação seja tortuosa, entendemos que se trata essencialmente de uma espécie de aproximação entre homem e natureza, ou ainda, historicidade e não-historicidade. As determinações mútuas entre a história natural e a antropologia materialista em DdA mostra como, a princípio opostas, história e natureza aparecem conjugadas pela inserção da antropologia e da sociologia em um processo dialético. Como nos lembra Jameson,

O que está em jogo aqui é um recíproco estranhamento entre os dois polos incomensuráveis do dualismo da Natureza e da História, mas de modo bastante claro, e na própria formulação de Adorno, esse deve ser um processo histórico no qual termo algum permanece em repouso, assim como não emerge uma síntese última. [...] Adorno e Horkheimer especificam, com efeito, que é antes o processo pelo qual o medo e a vulnerabilidade são dominados que faz surgir a sucessão temporal, juntamente com o telos histórico. Nesse sentido, o presente - a forma mais atualizada da dialética do esclarecimento - produz o passado, e mais especificamente, esse passado imediato de seu próprio presente que é hoje estigmatizado como arcaico, antiquado, mítico, supersticioso, obsoleto ou simplesmente “natural”. (JAMESON, 1997, p.133-135)

A nosso ver, a definição mesma de natureza (seja natureza humana, como antropologia, ou natureza externa) é definida culturalmente e, portanto, historicamente, sendo um reflexo do contexto social. Assim, se podemos falar de uma história natural em DdA é porque, de certa forma, a história é entendida como realizada por uma natureza humana, natureza tal que é modificada socialmente. Pensando na forma como Horkheimer e Adorno identificam uma fase de desenvolvimento histórico humano – como a fase mítica – em correlação com as pulsões sexuais freudianas, vemos a transformação de restos ou momentos da história relegados à natureza humana a ser reprimida pelo esclarecimento:

[...] essa declaração pode ser lida como uma leitura do histórico em termos do natural como “segunda natureza”. Ler o histórico como natural, nesse sentido, revela como o histórico tornou-se eternizado como um produto natural não-humano. Ler o natural como histórico leva a um programa mais direto no sentido de que todos os fundamentos ontológicos em termos naturalistas devem ser lidos em si como mediados historicamente pelas forças e relações de produção. (MORGAN, 2007, p. 15, tradução nossa).

Historicizar uma noção naturalista de ser humano, ou ainda, naturalizar restos renegados da história significa, então, colocar antropologia e sociologia no coração mesmo da dialética realizada em DdA. Assim,

[...] é com a dialética hegeliana e marxista que o sujeito freudiano se faz historicamente. Isso porque a história se faz em uma relação entre determinação social e modificação dos determinantes a partir do impulso individual. Por isso, a sociologia de Adorno é dinâmica, porque ela é histórica e dialética na interação entre indivíduo e sociedade (SHERRATT, 2004, p. 106, tradução nossa).

3. A dialética benjaminiana das “Teses sobre o conceito de história”

A dialética aqui problematizada se mostra na ousada delimitação do percurso narrativo em DdA, quando uma pré-história da modernidade avança desde a Grécia antiga, realizando-se no capitalismo tardio. Essa dialética faz com que a trajetória dos acontecimentos descritos se desenvolva como negação e conservação consecutivas, de forma que um novo momento de realização histórica encontra traços de si, mesmo que secundários, na antiguidade, como se desenvolvimentos posteriores já estivessem contidos, em germe, desde fases anteriores:

[...] o atrevimento mesmo do enquadramento temporal da Dialética do esclarecimento (que descreve Ulisses como o primeiro "burguês") sugere que uma dinâmica cultural “capitalista” não deve ser construída estreitamente dentro do (ainda menor) tempo de vida do capitalismo industrial; e também, por outro lado, que esse “modernismo” predominantemente característico do segundo estágio, ou estágio “imperialista” do capitalismo europeu triunfante no final do século XIX pode ser visto também como algo semelhante à “verdade interna” das primeiras culturas, mais lentas, aparentemente mais representacionais. (JAMESON, 1997, p. 214)

Tal descrição histórica - na qual o passado se mostra presente no momento atual, e na qual o presente está realizado desde sempre – pode ser entendida no livro segundo duas concepções, a saber, como expropriação, marca do pensamento de Horkheimer sob influência marxista, e como regressão, mais ligado à leitura psicanalítica de Adorno. Como expõe Cohn:

[...] dois temas se cruzam aqui. Um traz a marca de Horkheimer, e diz respeito à expropriação, que, sem perder sua forte ressonância marxista, se apresenta para designar uma ampliação historicamente determinada do escopo de processos de natureza estritamente econômica na origem. O outro é o da regressão, e traz a marca de Adorno. Nele se exprime a dúvida quanto à concepção de progresso cultivada pela razão esclarecida e se levanta do modo mais consequente (vale dizer, sem qualquer concessão à ideia de “etapas”) a questão de um movimento regressivo que se traduz no afastamento, mais exatamente no recuo forçado, em relação ao que seria objetivamente possível alcançar nas condições históricas presentes. (COHN, 1998, p. 17)

Considerada uma ruptura no *continuum* da história, como quer Horkheimer, ou um retorno a um elemento do passado, como entende Adorno, podemos dizer, quanto à visão geral da história presente em DdA, que ambos os posicionamentos negam um desenvolvimento temporal linear e evolutivo. Ora, a recusa da progressão histórica própria da visão burguesa e os diferentes pontos de vista dos autores quanto ao desenvolvimento dialético dos acontecimentos, todos esses elementos são heranças das “Teses sobre o conceito de história” de Benjamin – a qual iremos nos referir rapidamente no intuito de compreensão dos aspectos históricos ressaltados. Para tanto, vejamos os comentários em cartas trocadas por Adorno e Horkheimer em que ressaltam os principais pontos do livro de Benjamin recebido por eles momentos antes da escrita de DdA:

é o caso, principalmente, de sua concepção da história como catástrofe permanente, sua crítica do progresso e da dominação da natureza, e sua atitude em face da civilização” (carta de Adorno a Horkheimer, Nova York, 12 de junho de 1941). Horkheimer aprovou-o incondicionalmente. “Estou tão feliz quanto você por nos ver de posse das teses de Benjamin sobre a história. Elas vão nos ocupar ainda por muito tempo, e ele estará presente, a nosso lado. A identidade da barbárie e da civilização... constituiu, aliás, o tema de uma de minhas últimas conversas com ele num café perto da gare de Montparnasse... (carta de Horkheimer a Adorno, de Pacific Palisades, 21 de junho de 1941). (WIGGERSHAUS, 2002, p. 340-341)

Como podemos ver nas teses benjaminianas, o conceito de história enquanto progresso leva à ruína e à catástrofe (*Verfallsgeschichte*), pois tal concepção histórica consideraria unicamente os progressos da dominação e sua narração identificar-se-ia somente com aqueles que venceram sobre os oprimidos. Para tanto, se “*nunca há um documento da cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie*” (BENJAMIN *apud* LÖWY, 2005, p. 70), o que devemos fazer é modificar a noção histórica dos acontecimentos do mundo, conforme lemos na tese 8:

oespanto em constatar que os acontecimentos que vivemos "ainda" sejam possíveis no século XX não é nenhum espanto filosófico. Ele não está no início de um conhecimento, a menos que seja o de mostrar que a representação da história donde provém aquele espanto é insustentável. (BENJAMIN *apud* LÖWY, 2005, p. 83)

Conforme vimos já em DdA, também para Benjamin a relação existente entre o passado e o presente não se dá de forma unilateral, linear e evolutiva: não só alguns

elementos do presente iluminam o passado, como também tais elementos antigos, quando lembrados, podem levar a uma modificação do momento atual. Assim, dialeticamente, na renovada concepção de história de Benjamin, “uma parte desprezada ou esquecida do passado afirmava-se num presente que se alargava, englobando-o. O passado era salvo por um presente que escapava de suas próprias limitações” (WIGGERSHAUS, 2002, p. 232). Neste materialismo histórico haveria a preocupação de incluir na trajetória histórica os elementos que foram vencidos, considerando restos antigos não incluídos na situação atual dos vencedores, mas que continuam se fazendo presentes, mesmo mediante a sua negação. Em tal concepção histórica, então, há uma modificação tanto do passado resgatado, quanto do presente:

[...] um comentário esclarecedor de Jeanne Marie Gagnebin sobre a "história aberta" de Benjamin se aplica exatamente à tese V: Benjamin compartilhava com Proust a preocupação de salvar o passado no presente, graças à percepção de uma semelhança que transforma os dois. Transforma o passado porque este assume uma nova forma, que poderia ter desaparecido no esquecimento, transforma o presente porque este se revela como a realização possível da promessa anterior - uma promessa que poderia se perder para sempre, que ainda pode ser perdida se não for descoberta e inscrita nas linhas atuais. (LÖWY, 2005, p. 63)

Tal noção renovada da história mostra a influência de Marx no que concerne ao momento da emancipação dos vencidos, pois a ressignificação dos elementos do passado que foram negados serão utilizados para a crítica do presente, levando à revolução entendida como “interrupção de uma evolução histórica que leva à catástrofe” (LÖWY, 2005, p. 23). É o reencontro com elementos provenientes de uma história antiga (ou pré-história), isto é, seria mediante a lembrança de uma forma de vida anterior que seria possível romper com o encontro da progressão histórica para a barbárie. A redenção (*Erlosung*) do passado que não teve lugar na história seria entendida como “rememoração [que] tem por tarefa, segundo Benjamin, a construção de constelações que ligam o presente e o passado” (LÖWY, 2005, p. 131). Dessa forma, a teoria da história benjaminiana não mostra somente como a revolução é uma interrupção da história burguesa – como queria Horkheimer -, mas é também o retorno de um elemento anterior – como entende Adorno. Como comenta Löwy,

[...] ao contrário, a revolução é a interrupção da eterna volta e o surgimento da mudança mais profunda. Ela é um salto dialético, fora

do contínuo, inicialmente rumo ao passado e, em seguida, ao futuro. O "salto do tigre em direção ao passado" consiste em salvar a herança dos oprimidos e nela se inspirar para interromper a catástrofe presente. O passado contém o presente, *Jetztzeit* - "tempo-de-agora" ou "tempo atual". (LÖWY, 2005, p. 120)

4. A concepção freudiana de temporalidade inconsciente

Considerando os elementos históricos encontrados em Benjamin, não podemos nos furtar de fazer uma comparação com a teoria de Freud. Apesar dos aspectos teológicos envolvidos na teoria benjaminiana, a aproximação entre ambos se dá de forma que na clínica freudiana é o retorno do trauma como sintoma que permite a rememoração de elementos passados e sua ressignificação consciente e pulsional, que modifica o presente. Por isso, mediante a psicanálise freudiana, talvez possamos compreender como a regressão ao passado para o rompimento da situação do presente não significa um retorno a formas de vida tal como elas já foram vivenciadas em tempos pretéritos, mas seria a ressignificação de um passado que não foi realizado plenamente.

Conforme já abordamos parcialmente em outro momento (COSTA, 2014), nossa análise trata do conceito de sintoma em Freud entendido como uma composição formada por traumas do período da infância que teriam sido reprimidos para o inconsciente. Pelo modo indeterminado que o registro traumático ganha ao se tornar inconsciente, Freud nos lembra que a fixação dos traumas ganha a forma de um traço, o que permite a transformação desse material por meio de fantasias e desejos (também inconscientes) que não estariam presentes na situação traumática vivida inicialmente. Nas palavras de Freud:

os sintomas e as manifestações mórbidas do paciente são, como todas as atividades anímicas, de uma natureza altamente composta. Os elementos desta composição são no fim das contas motivos, moções pulsionais, mas destes motivos elementares o doente não sabe nada ou nada que seja suficiente. [...] E mesmo assim nós mostramos ao doente, a propósito de que suas manifestações lhe eram só imperfeitamente conscientes, que nelas agiram conjuntamente outros motivos pulsionais que lhe permaneceram desconhecidos. (FREUD, 2007a, p. 146, tradução nossa)

É como conteúdo composto pelo trauma, além de outros elementos inconscientes a ele relacionados, que se dá o retorno do recaiado. Contudo, esse retorno só acontece mediante a associação do traço traumático inconsciente da infância com ocorrências da

vida atual do sujeito adulto. Tal formação do sintoma em tempos diferentes se dá, então, segundo uma temporalidade *Nachträglichkeit* – que em português pode ser traduzida por *só depois* ou *a posteriori*, mediante algumas etapas da trajetória da vida do sujeito. Ou seja, o trauma infantil fixado como traço e os elementos inconscientes a ele ligados *só* ganham sentido *depois*, na associação a uma vivência posterior, da vida adulta, o que permite o retorno à consciência do material recalçado.

Alguns comentários podem ser feitos tendo em vista essa temporalidade em etapas na formação do sintoma. Primeiramente, podemos notar como a noção temporal se mostra de forma dupla: pensando de forma progressiva em que o passado explica o presente, a compreensão consciente do trauma mostra a importância que a vivência infantil tem para a formação adulta do paciente. No entanto, também percebemos como, uma vez que o trauma ganha significado consciente posteriormente, a formação de seu conteúdo ganha um sentido retroativo: sem o motivo posterior que abre a possibilidade do retorno do recalçado, a vivência traumática infantil continuaria sem significado, não ganharia a consciência, não se inscreveria na história do sujeito. Isso quer dizer que a experiência traumática e seu recalque não são suficientes para a formação do sintoma, mas algo associado a esse material precisa se repetir para se inscrever. Como nos alerta Safatle,

o fato empírico não fornece princípio positivo algum de significação, mas apenas *uma espécie de questão aberta* que deverá posteriormente ser integrada às construções simbólicas do sujeito. Como se “fatos traumáticos” não tivessem, no fundo, peso determinista algum. Eles apenas abrem questões. (SAFATLE, 2011, p. 53)

Por isso, a recuperação do reprimido não tende a se dar como reconstituição total do trauma infantil: para além da associação a fantasias e desejos inconscientes, o que mais importa na clínica psicanalítica é a forma como o conteúdo traumático é significado no momento da vida adulta do paciente, quando o reprimido se torna consciente, modificando, com isso, a organização pulsional que culmina com o fim do sintoma.

Nesse âmbito, tal concepção de *só-depois* do sintoma evidencia uma teoria da temporalidade psíquica em Freud que ganha contornos mais profundos. Como vimos, o tempo *Nachträglichkeit* do inconsciente se dá por etapas não consecutivas na trajetória subjetiva, mas este não é o único sentido de tempo vivenciado subjetivamente. Por outro lado, a noção linear e progressista do tempo cronológico conforme um passado, presente e futuro é vivenciada pelo eu consciente. Os dois regimes de tempo operam de modo

divergente, no qual o inconsciente mantém seus conteúdos de forma perene, ao passo que o eu sente a passagem de um tempo que não volta. Uma vez que o sujeito vivencia em sua inconsciência e consciência a síntese dessas duas formas de concepção temporal, podemos dizer que os materiais recalçados e os desejos e fantasias inconscientes mostram-se perenamente novos, afetando o sujeito de forma sempre presente, mesmo que não se tenha consciência disso. Ou seja, apesar de não perceber ou viver essa criação de forma atual, o sujeito atua na produção de sentido de forma contínua em seu inconsciente humano, não havendo formas de negar ou impedir a atividade pulsional:

[...] perigo interno e então constante, pedaço de atividade, exigência de trabalho, quer dizer, de transformação e de organização, todas estas maneiras de caracterizar o impulso são decisivas porque elas indicam a temporalidade paradoxal do pulsional: eternamente presente na existência de um sujeito e submetida às transformações que estruturam e entoam sua existência, autorizando certas modificações, bem além do que ele pode controlar, já que este “pedaço de atividade” que é uma pulsão se organiza nos cenários que levam o sujeito bem antes do que ele possa reconhecer o que ele nomeia “si mesmo”. (DAVID-MÉNARD, 2012, § 18, tradução nossa).

Considerando que o material inconsciente é sempre presente e perene, podemos dizer que “a teoria freudiana do inconsciente é, em sentido lato, uma teoria da memória” (GABBI JR., 1993, p. 11). E se nesse mesmo inconsciente há criação contínua mediante com associações de traumas recalçados a desejos e fantasias, então a memória inconsciente não pode atuar como simples armazenamento de conteúdo imutáveis, mas também seria responsável por uma produção de sentido. Por isso,

[...] memória não é um arquivamento, mas uma contínua e incessante interpretação. Pois as lembranças não são imutáveis, mas são reconstituições operadas sobre o passado e em contínuo remanejamento. Não se trata de unidades discretas perpetuando-se através do tempo. O que temos é um sistema dinâmico que, a partir do presente, integra traços mnésicos em relações que se constituem *a posteriori*. (SAFATLE, 2011, p. 55)

Por consequência, a produção perene de material inconsciente e recalçado através de associações com vivências atuais faz com que o sujeito não viva somente no espaço temporal presente de forma simples. Pensando em um palco onde se passam duas cenas simultâneas que se implicam mutuamente, o tempo presente segundo Freud seria, então, composto pela vivência atual na interação do sujeito com o mundo à sua

volta, vivências tais que atingem o sentido e a produção do material inconsciente que se modifica continuamente, o que afeta, por sua vez, a própria interação do sujeito com o momento atual que ele vive. Desse modo, o sujeito nunca está presente, de forma integral, na situação atual e o instante presente pode ser entendido como resultado parcial de um material inconsciente, ao mesmo tempo que um motor que modifica esse mesmo material inconsciente:

[...] nesse jogo de esconde-esconde entre presente e passado, o sujeito de prazeres e desprazeres sempre transborda no que lhe acontece: ele não é nunca contemporâneo do que ele vive, mas o que permaneceu latente é ativado subitamente por algo atual que o revela. Ora, esta não-coincidência consigo, que é o tempo de nossas experiências de prazer e de desprazer, segue em consonância com o que eu chamava *dissimetria*, que é a mesma experiência, lida não mais sob um ponto de vista da temporalidade mas do ponto de vista das relações com os outros e com as coisas às quais nos ligam estas emoções. (DAVID-MÉNARD, 2011, p. 14-15, tradução nossa).

Considerando tal noção de memória produtiva em Freud, o conceito clínico de rememoração se torna mais claro. Tendo uma atuação produtiva, a rememoração não seria a lembrança do que foi esquecido quando recalado, mas a formação consciente de conteúdos tanto criados quanto vividos. Podendo ser sentido como *déjà vu*, ou seja, como a sensação de que, no fundo, algo já era conhecido, a rememoração é tanto o fornecimento quanto o reconhecimento de conteúdos próprios que nunca foram conhecidos, pois eram inconscientes e porque não existiam completamente antes de serem falados em análise. Clinicamente, o intuito da rememoração é mostrar ao paciente que o sintoma é somente um exemplo da atuação geral do indivíduo, que age conforme as repetições e padrões infantis. Logo, a passagem da atuação das repetições para a narrativa delas localizada no passado é, para Freud, a designação de rememoração:

esse estado de doença é então levado, parte por parte, para o horizonte e o domínio da ação da cura; e quando o doente vive isso como algo de real e de atual, nós temos que operar nisso o trabalho terapêutico que consiste, em boa parte, em levar as coisas ao passado. (FREUD, 2007b, p. 121, tradução nossa).

É justamente a conscientização dos elementos fantasiados e dos traumas que move o analisando de uma situação passiva diante da própria trajetória de vida para uma condição de consciência de si e da própria história. Assim, justamente com a

rememoração, é necessário um trabalho de elaboração (*Durcharbeiten*), ou ainda, como evidencia o termo em alemão, um trabalho ativo de atravessar ou percorrer a própria trajetória de vida. Tal significado de tornar consciente o material inconsciente, no entanto, não pode ser meramente racional ou ser orientado para fins de defesa do eu, o que geraria mais repressões, traumas e desconhecimentos. O que se procura é uma conscientização dos limites de si e exigências pulsional, de um lado, e da realidade, de outro, promovendo uma maior articulação entre o desejo subjetivo e as escolhas que levam à formação de uma narrativa pessoal, articulação tal que promoveria uma mudança na interação com a alteridade, com a realidade e consigo mesmo, tanto nas exigências morais quanto nas realizações de desejos. Deste modo, de uma descontinuidade de si designada pelo efeito de *só-depois* do sintoma, passamos à continuidade de sua trajetória de vida pela elaboração.

Neste contexto, fica evidente a importância de repensar a noção de história em Freud como mais uma consequência da reformulação da temporalidade psíquica, uma vez que, assim como para Benjamin e em DdA, a trajetória humana não pode ser designada de forma consecutiva e linear. Dada a influência do inconsciente, das pulsões e da memória produtiva, como dissemos anteriormente

[...] a história [...] deve ser entendida conforme a narrativa de uma experiência do tempo que não é vivido sucessivamente, mas por meio de conteúdos transformados desde seu início e que ressurgiram por meio de um “salto” na linha retilínea do tempo linear do eu. É justamente porque a inserção do traço vivido na trajetória individual acontece *só-depois* que a noção de pré-história individual pode ser concebida, sendo configurada por conteúdos que ainda não ganharam sentido e foram reprimidos, não sendo incluídos em uma narrativa de si. (COSTA, 2014, p. 66-67).

Deste modo, a pré-história seria concebida segundo os conteúdos como traços não inseridos na trajetória de vida do eu, faltando-lhe sentido e contexto. Assim, “ao nos ensinar que o reprimido tende sempre a voltar à superfície, a psicanálise nos coloca frente à necessidade de nos interessarmos pelo ‘obscuro’, pelo ‘inominável’, isto é, pelo que é excluído do cenário da história” (ENRIQUEZ, 1990, p. 22-23).

5. Conclusão

São algumas as possibilidades de relação da teoria da temporalidade freudiana tanto com DdA quanto com as teses benjaminianas sobre história. Se Horkheimer e Adorno igualam as pulsões às manifestações da natureza interior e mítica que insiste em retornar no esclarecimento, então o seu retorno como sintoma fica explicado como a mimese da mimese ou falsa projeção. Assim, tanto o sintoma neurótico quanto o sujeito do conhecimento esclarecido falham na tecnicidade da sua racionalidade, pois praticam uma superação incompleta daquilo que eles procuram dominar. Seria justamente a dialética entre mito e esclarecimento, ou o recalcado e o eu, que se mostra de forma dupla, como ruptura da situação vigente e como regressão. Por isso o nosso recurso a Benjamin: lembremos como a concepção histórica burguesa, paralela ao tempo linear do eu, deve ser modificada para que a barbárie, ou os distúrbios psíquicos como o sintoma neurótico, sejam evitados. Seria mediante uma rememoração de elementos vencidos pela dominação, cuja narrativa não teve lugar na história linear do eu burguês esclarecido, como um tipo de regressão a conteúdos não realizados, que levam à modificação do presente – do sujeito em análise ou da sociedade. Assim, para além da denúncia e recusa da temporalidade linear do esclarecimento burguês em torno da instância psíquica do eu, ao relacionarmos Freud, DdA e as “Teses sobre o conceito de história”, podemos dizer que a noção dialética na qual é o retorno a um material anterior, tido como pré-história e podendo ser o trauma, a mimese ou a narrativa dos vencidos, precisa ser resgatada pela memória que ganha um poder ativo e produtor de sentidos ao ressignificar o presente como modificação e revolução, cura individual ou realização de uma racionalidade realmente esclarecida.

Referências

- ADORNO, T. Escritos Sociológicos I. In: _____. *Obras Completas volume 8*. Trad. Agustín González Ruiz. Madri: Ediciones Akal, 2004.
- COHN, G. Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje. In *Lua Nova*, São Paulo, n. 43, p. 5-25, 1998. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451998000100002>. Acesso em: 05 de março de 2016.
- COSTA, V. H. F. Narrativa e temporalidade: sobre os conceitos de *Nachträglichkeit* e *Unheimliche* na teoria clínica freudiana. In *Revista Natureza Humana*, v. 16, n. 2, p. 55-71, 2014.
- DAVID-MÉNARD, M. *Éloge des hasards dans la vie sexuelle*. Paris : Hermann Éditeurs, 2011.
- _____. Les pulsions caractérisées par leurs destins : Freud s'éloigne-t-il du concept philosophique de Trieb? In *Revue germanique internationale*, n. 18, p. 201-219, 2002. Disponível em: <https://rgi.revues.org/924>. Acesso em : 05 de março de 2016.

- ENRIQUEZ, E. *Da horda ao estado – psicanálise do vínculo social*. Trad. Teresa Cristina Carreiro e Jacyara Nasciutti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- FLEIG, M. Metapsicologia do sujeito moderno. In *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, vol. 12, n. 3, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000300014>. Acesso em: 05 de março de 2016.
- FREUD, S. Les voies de la thérapie psychanalytique. In: _____. *La technique psychanalytique*. Paris: Quadrige - PUF, 2007a.
- _____. Remémoration, répétition et perlaboration. In: _____. *La technique psychanalytique*. Paris, Quadrige - PUF, 2007b.
- GABBI JR, O. F. A teoria do inconsciente como teoria da Memória. In *Revista da Psicologia USP*, São Paulo, 4 (1/2), 1993.
- GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- HORKHEIMER, M; ADORNO, T. *Dialektik der Aufklärung : Philosophische Fragmente*. Frankfurt am Main: Fischer, 1988.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1985.
- INSTITUT FÜR SOZIALFORSCHUNG (ed.): *Soziologische Exkurse*, Frankfurt a. M.: Europäische Verlagsanstalt, 1956.
- JAMESON, F. *O marxismo tardio – Adorno, ou a persistência da dialética*. Trad. Luiz Paulo Roaunet. São Paulo: Editora Boitempo/Unesp, 1997.
- LÖWY, M. *Walter Benjamin: aviso de incêndio : uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant; [tradução das teses] Jeanne Marie Gagnebin, Marcos Lurz Muller. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MORGAN, A. *Adorno's concept of life*. New York: Continuum International Publishing Group, 2007.
- NOBRE, M; MARIN, I. L. Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do Esclarecimento. In *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, n. 20, p. 101-122, jul./dez. 2012.
- PARISI, T. *Civilization and its discontents: an anthropology for the future?* New York: Twayne Publishers, 1999.
- SAFATLE, V. Sobre o ato de lembrar como forma de cura: considerações sobre o recurso freudiano à rememoração In GALLE et al (org.). *A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2011.
- SHERRATT, Y. Adorno's Concept of the Self: A marriage of Freud and Hegelian Marxism. In *Revue Internationale de Philosophie*, 2004/1, n. 227, p 101-117. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-internationale-de-philosophie-2004-1-page-101.htm>. Acesso em: 05 de março de 2016.
- SOHN-RETHEL, A. *Intellectual and manual labour: a critique of epistemology*. New Jersey: Humanities Press Inc., 1978.
- WHITEBOOK, J. The marriage of Marx and Freud: Critical Theory and Psychoanalysis. In RUSH, F. L. (ed.). *The Cambridge Companion to Critical Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 74-102, 2004.
- WIGGERSHAUS, R. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Trad. Lilyane Deroche-Gurgel. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.